



Nilton e a turma que nenhum professor aceitava na Escola Classe 204 Sul: atenção particular a cada estudante e atividades para desenvolver a auto-estima e a criatividade mudaram os alunos

A volta por cima da 4ª série "C"

Professor transforma classe campeã de repetência em modelo de desempenho, devolvendo a auto-estima aos alunos

Humberto Rezende
Especial para o **Correio**

"Nós éramos a pior turma da escola", diz Ana Paula Freitas, 12 anos. E hoje? "Somos a melhor", respondem, em coro, seus colegas da 4ª série C da Escola Classe da 204 Sul. Para a satisfação de Nilton Ismael Rosa, 42 anos, professor da turma e responsável pela transformação da classe mais temida do colégio.

Nilton é um mineiro de Ipameri que, ao falar, consegue transmitir docilidade, mesmo com a voz grave que tem. A voz serve também para ser mais severo com os alunos quando necessário. "No começo eles me desafiavam. Tinha que ser firme. Já peguei aluno pelo braço e sentei na cadeira dizendo que ele não me dava medo", lembra.

Quando chegou no começo do ano à escola, Nilton foi o último a escolher a turma que ensinaria. É padrão na Fundação Educacional que os professores mais antigos escolham primeiro as classes para as quais querem dar aula. Sobrou para ele a 4ª série C, formada quase totalmente por alunos repetentes, entre 10 e 15 anos de idade. Os estudantes também eram conhecidos por sua indisciplina. Ano passado três professores desistiram de ensiná-los.

Mas a situação era ainda pior. Nilton verificou nas primeiras semanas que muitas das crianças ali eram semi-analfabetas. "Estavam na 4ª série e não conseguiam escrever o que pensavam", lembra. "Achei que ele fosse desistir", conta a professora Maria Jurema Silva, mãe de Hugo, 11, um dos alunos da turma. Mas o professor optou pelo caminho mais difícil: ensinar àquelas crianças. "Era um desafio. E, se desse certo, serviria de exemplo para outros professores", diz.

Hugo é uma bela amostra do tra-

balho que Nilton realizou. Vindo de escolas particulares, havia repetido a 3ª série. A mãe já havia ouvido de psicopedagogos que seu filho sofria de dislexia (problema que faz a criança confundir letras como o *b* e o *d*), por isso não conseguia escrever de forma inteligível. "Cheguei no primeiro dia de aula aflita. Falei que meu filho tinha dislexia, que merecia mais atenção. O Nilton me interrompeu, olhou para mim e disse: 'Deixa eu conhecer seu filho primeiro'", lembra Maria.

Hugo não tem dislexia. E, sim, disgrafia. "Ele tem dificuldades em relacionar a letra ao som que ela representa. Por isso não conseguia escrever", explica o professor, formado em Pedagogia pela Universidade Católica de Brasília e em História pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília (Ceub). "Antes, eu escrevia e ninguém me entendia. Hoje já entendem melhor", fala o garoto, que ficou feliz quando conseguiu escrever uma carta para sua madrinha que mora em Fortaleza (CE). "Antes eu só podia falar com ela pelo telefone."

ATIVIDADES

Não adiantava tentar ensinar história, ciências ou matemática para crianças que mal sabiam escrever. Por isso, várias atividades de leitura e escrita foram programadas. Os alunos assistiam a filmes de desenho animado, liam pequenas histórias. Depois, em grupo, produziam com o professor uma síntese do que viram. "Eles começaram a perceber que as idéias que tinham podiam ser transformadas em palavras escritas", explica Nilton.

Depois era a hora de cada aluno fazer a sua própria síntese. Nilton conversava com cada um dos estudantes, sentados em círculo. A mesma atividade era realizada quando algum conteúdo de história ou ciências era dado. Escrever, escrever, escrever.

"Ele nunca deu prova de marcar x para a gente. Dizia sempre: responda, explique", conta Malisa Machado, 10 anos, representante eleita da turma.

"O meu trabalho só deu certo porque sou alfabetizador, sempre dei aula para turmas de 1ª série. Um professor menos preparado não saberia lidar com esses alunos", analisa Nilton, que usa em sala a teoria do Construtivismo de Piaget, que respeita o ritmo de cada estudante.

Mas como parar e dar atenção individual a um aluno em uma turma com trinta crianças conhecidas por sua indisciplina? Conquistar o respeito da turma foi o primeiro passo. "Eles eram rotulados de maus alunos. Estavam com a auto-estima baixa, não se sentiam capazes de aprender. Precisavam de atenção", diz.

O respeito, o professor começou a ganhar ao defender os alunos. As crianças se sentiam rejeitadas pelo resto da escola. Nos recreios, alunos da 4ª série C eram sempre os suspeitos de alguma coisa que acontecia de errado. Surgiu a idéia então do recreio dentro de sala. Na hora do intervalo, ninguém saía e a turma se divertia sob a orientação do professor. Jogos como dominó, dama, bingo serviam também para aprender.

O resultado foi uma noção de grupo rara em uma turma de escola. E o professor conquistou o carinho dos alunos. "Sempre que chamava a atenção de um aluno, deixava claro que desaprovava a sua atitude e não ele", diz Nilton. Em setembro, as crianças organizaram, com a ajuda da mulher de Nilton, uma festa de aniversário surpresa para o professor. Amanhã é dia do churrasco de confraternização da turma em um clube da cidade.

Quando perguntados se voltarão a ser alunos bagunceiros ano que vem,

arma-se um verdadeiro debate, com cada um levantando a mão e esperando a hora de falar. "Depende de quem der aula", acha Daniele Castro, 12 anos. "Mas como a gente vai ser respeitado se não respeitar o professor?", argumenta Joice Mendes, 12.

LÁGRIMAS

A desenvoltura ao falar da maioria da turma também foi conquistada junto com a capacidade de escrever e entender as matérias. "A grande mudança no meu filho foi que ele perdeu a timidez", diz, com lágrimas nos olhos, a manicure Aurora Ramos, 37 anos, mãe de Diego, 12. Aurora estava surpresa por ter visto o filho vencer o acanhamento e encarnar o papel principal de Papai Noel na peça apresentada pela turma para as comemorações de Natal.

Depois da apresentação, os pais foram à

sala conversar com os alunos. Mensagens sobre a importância de se esforçar agora no final do ano para que todos sejam aprovados. A participação deles foi importante no decorrer de todo ano, indo a reuniões com Nilton e trazendo avaliações do desempenho de seus filhos. "Acho que o que Hugo aprendeu este ano ele nunca mais esquece. Ganhou uma noção de convivência, respeito e amizade. Além de estar falando bem, lendo melhor ainda e escrevendo maravilhosamente", derrete-se Maria Jurema.

A boa notícia de final de ano é que todos devem ser aprovados. Alguns ficarão de recuperação ("um tempinho a mais", como gosta de falar aos alunos), mas Nilton está confiante. "Fui sincero o ano todo e eles sabem que eu não vou passar quem não estiver sabendo, por isso estão estudando", garante.

ANÁLISE DA NOTÍCIA

CAPACITAÇÃO É NECESSÁRIA

"O único culpado pela repetência é o professor, não o aluno. A obrigação do professor é ensinar, não reprovar. O professor tem que achar meios para que o aluno aprenda." A frase é do secretário da Educação, Antônio Ibañez, dita ao Correio Braziliense em setembro passado.

Impossível não concordar. Principalmente quando nos deparamos com exemplos como o do professor Nilton. O relatório Situação Mundial da Infância, divulgado pelo Unicef na última terça-feira — na semana em que a Declaração Universal dos Direitos Humanos completa 50 anos, garantindo no artigo 26 o direito à educação —, aponta que um dos maiores desafios do Brasil é diminuir a repetência e evasão escolar. Ano passado, no Distrito Federal, 30% das crianças no ensino fundamental foram reprovadas.

A frase de Ibañez mostra o que o país deve fazer para ter uma educação de qualidade: a capacitação dos professores. É comum professores que ainda recorrem ao método tradicional de ensino, por não terem conhecimento de práticas pedagógicas modernas. Alunos do magistério são lançados nas turmas de educação infantil e ensino fundamental sem terem idéia do que é ou como trabalhar metodologias mais eficientes, como o Construtivismo. (HR)

"ELES ERAM ROTULADOS DE MAUS ALUNOS. ESTAVAM COM A AUTO-ESTIMA BAIXA, NÃO SE SENTIAM CAPAZES DE APRENDER. PRECISAVAM DE ATENÇÃO"

Nilton Ismael Rosa,
professor da Escola Classe 204 Sul